

Finanças

POR DENTRO
DO MERCADO

LUIZ SÉRGIO GUIMARÃES



Temor de apagão eleva juros futuros

Se não bastassem as incertezas sobre o grau de desaceleração da economia dos EUA, as dúvidas sobre a inflação doméstica, o impacto sobre o câmbio do fim do superávit em conta corrente e os rumos da política fiscal na era pós-CPMF, surgiu ontem mais um fator para inquietar as mesas de operações dos mercados de câmbio e juros. O fantasma do apagão energético voltou a assombrar os investidores. Ele foi reintroduzido na sala pelo diretor-geral da Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel), Jerson Kelman, ao fazer a defesa da redução de consumo de energia e da elaboração de um plano de contingência para a possibilidade de racionamento. Kelman fez a ressalva de que o risco de um apagão este ano é baixo. Mas os mercados trabalham justamente com esta matéria-prima, o risco, e, quanto mais imensurável ele se mostrar, maior o prêmio exigido pelos investidores.

O risco de racionamento se junta a outros fatores elencados por analistas para justificar a expectativa de que o Banco Central, após ter interrompido o ciclo de baixa da taxa Selic em outubro do ano passado, terá de elevá-la este ano. Diante da ameaça de apagão, o BC seria obrigado a promover um desaquecimento preventivo da economia para neutralizar impactos inflacionários. Estes viriam sob a forma de aumento dos custos de produção por parte da indústria, da redução da oferta de produtos e da ampliação das importações. Isto tem efeito altista sobre a cotação do dólar e depois sobre os índices de inflação.

Diante desse fato novo negativo, o mercado futuro de juros da BM&F operou ontem defensivamente. Os *players* se recusaram a ampliar posições prefixadas porque as taxas generosas da véspera não mais asseguravam um prêmio vantajoso. O CDI previsto para a virada do ano subiu de 12,02% para 12,06%. O contrato para janeiro de 2010 avançou de 12,68% para 12,73%. Os contratos com vencimento mais distante também avançaram. O CDI para janeiro de 2012 subiu de 12,77% para 12,82%. O dólar fechou em alta de 0,45%, cotado a R\$ 1,77 no mercado interbancário. E o risco-país chegou a saltar 3,07%, para 235 pontos-base, mas fechou a 232.

Mesmo antes do surgimento deste novo fator de inquietação, o DI futuro mostrava-se pessimista. O maior risco de inflação em 2008 vem, segundo relatório da consultoria AC Pastore, do aquecimento da atividade econômica. "A perspectiva mais benigna é de que a taxa Selic permanecerá estável durante todo o ano de 2008, mas é alta a probabilidade de que ela tenha que ser elevada", diz o relatório. O BC está, segundo o estudo da empresa do seu ex-presidente Affonso Celso Pastore, tecnicamente preparado para fazer o que for necessário para manter a inflação próxima da meta de 4,5%, porém a interrupção do ciclo de queda da taxa de juros elevará as pressões políticas.

"Mais do que nunca, a independência de fato do Banco Central requer a sua reafirmação por parte do presidente Lula", defende Pastore. Apenas no início do segundo ano do seu segundo mandato, o governo Lula está no limiar de se defrontar com a tendência histórica da economia brasileira, na qual o crescimento mais acelerado do PIB está associado aos déficits nas contas correntes, cuja sustentabilidade depende dos fluxos de capitais, que são uma consequência da qualidade da política macroeconômica e das condições da economia internacional. As incertezas da economia internacional alteram, segundo o relatório, não somente as perspectivas dos fluxos de capitais, como também as de evolução dos preços internacionais de commodities e do crescimento do total das exportações mundiais, afetando o saldo nas contas correntes, a taxa cambial e o próprio crescimento econômico brasileiro. "Este quadro de incertezas internacionais exige políticas macroeconômicas consistentes para preservar os ingressos de capitais e garantir as condições para a manutenção do crescimento econômico com o controle da inflação, o que coloca sobre a política fiscal um peso ainda maior do que tem tido nos últimos anos", diz o relatório.

Os mercados de dólar e juros descolaram-se ontem negativamente de Wall Street. Nos EUA a notícia de que os pedidos semanais de novas hipotecas subiram 32,2% nos financiamentos com taxas variáveis trouxe algum alívio pois evidencia que o mercado imobiliário já começou a reagir positivamente aos cortes de juros já feitos pelo Federal Reserve (Fed) e à perspectiva de novas baixas. O grande evento de hoje será o discurso que o presidente do Fed, Ben Bernanke, fará em Washington sobre mercados financeiros, perspectiva econômica e política monetária.

Os mercados de dólar e juros descolaram-se ontem negativamente de Wall Street. Nos EUA a notícia de que os pedidos semanais de novas hipotecas subiram 32,2% nos financiamentos com taxas variáveis trouxe algum alívio pois evidencia que o mercado imobiliário já começou a reagir positivamente aos cortes de juros já feitos pelo Federal Reserve (Fed) e à perspectiva de novas baixas. O grande evento de hoje será o discurso que o presidente do Fed, Ben Bernanke, fará em Washington sobre mercados financeiros, perspectiva econômica e política monetária.